

MOBILIZAÇÕES CONTRA A REITORA NOMEADA DEVEM CONTINUAR

Apesar da decisão do Tribunal de Justiça de São Paulo, que deu provimento ao recurso impetrado pela Fundação São Paulo contra a decisão em primeira instância da Justiça, os estudantes prometem continuar mobilizados contra a professora Anna Cintra, última colocada nas eleições da PUC-SP e escolhida pelo cardeal D. Odilo Scherer para dirigir a universidade. Os juízes entenderam que não houve perda do objeto do recurso da Fundação São Paulo, mas indicaram que o julgamento da apelação deve ter, de agora em diante, prioridade.

A permanência da reitora no cargo ainda depende do julgamento do mérito da questão. Por hora, a decisão mostrou mais uma vez o caráter classista do judiciário brasileiro, que prefere escorar-se em argumentos tecnicistas, ignorando a decisão democrática da comunidade puquiiana.

O C.A. 22 de Agosto, proponente da ação contra a reitora imposta, divulgou nota em que analisa a decisão da Justiça:

"O Centro Acadêmico 22 de Agosto não corrobora com a interpretação do desembargador relator e da turma julgadora do Tribunal de Justiça de São Paulo. Acreditamos que os agravos perderam o objeto processual, uma vez que a sentença findou o processo em primeira instância. Dessa forma, os agravos não poderiam ter sido julgados, quanto menos deferidos".

O documento termina ressaltando a necessidade do movimento estudantil continuar e avançar cada vez mais em oposição à reitoria ilegítima e ilegal. "Acreditamos que ao final a justiça reconhecerá o direito da comunidade universitária de forma a afastar a reitoria, possibilitando a realização de novas eleições", afirma a nota.

Os estudantes também continuam se mobilizando no sentido de viabilizar novas atitudes concretas contra a reitora indicada, entre elas está a realização de um plebiscito sobre a possível lista tríplice para a escolha de cargos administrativos na PUC-SP.

SEMANAS DE CURSO AGITAM O COTIDIANO DA UNIVERSIDADE

Os cursos de Ciências Sociais e Publicidade organizam semanas acadêmicas para discutir temas que refletem a problemática de suas áreas de conhecimento.

Na semana passada, a Faculdade de Ciências Sociais realizou o evento "Encruzilhadas da democracia", que debateu temas das mais variadas áreas do conhecimento dentro das ciências sociais e humanas: desde a democracia, liberdade, arte, mídia, política, meio ambiente, questão racial e indígena, passando pelas manifestações de Junho e os movimentos sociais na América Latina, até a questão da infância e juventude, religião e os impactos dos grandes eventos, como a Copa do Mundo.

Todos esses temas foram debatidos ao longo da semana em muitas atividades, como mesas redonda, grupos e trabalho, minicursos e mostra de revistas. Além disso, houve lançamento do livro "Favos" e da Revista Polichinello no Tucarena. Para mais informações, ver página 3.

Já nesta semana, entre os dias 9 e 13/9, acontece mais uma Semana de Publicidade, que desta vez terá o tema "Cada Área, um ângulo". Os eventos ocorrem no período da manhã e da noite, na sala 239, do Prédio Novo. Já os workshops acontecem à tarde, na sala 225 do prédio novo. O evento é destinado aos estudantes de Publicidade e é promovido pela Agência PUC. Para conferir a programação completa, acesse: <http://www.pucsp.br/sites/default/files/img/aci/14-semana-pp-horario4-rev1.jpg>.

LEIA AINDA NESTA EDIÇÃO

**COMO SOLUCIONAR O PROBLEMA DA
LENTIDÃO EM NOSSA INTERNET?**

Página 3

Professora escreve artigo sobre a situação da PUC-SP

A professora Bia Abramides, do curso de Serviço Social e diretora da APRO-PUC, escreveu um artigo para a revista *Temporalis*, editada pela Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (Abepss), destinada à publicação de trabalhos científicos sobre temas atuais e relevantes no âmbito do Serviço Social.

O artigo intitulado "Decomposição da Universidade brasileira: a situação da PUC-SP" é um depoimento da professora sobre os recentes acontecimentos que culminaram na nomeação da professora Anna Maria Marques Cintra como reitora da universidade.

Para a professora, "a autonomia e a democracia universitárias foram arrebatadas por D. Odilo Scherer, arcebispo grão chanceler da PUC-SP, ao nomear a terceira e última colocada no pleito para dirigir a universidade, a professora Anna Maria Marques Cintra. Com essa imposição, negou a trajetória histórica da PUC-SP, que desde a década de 80 conquistou eleições diretas para o cargo de reitor(a)."

A professora Bia ressalta o legado democrático da universidade, lembrando que no período da ditadura militar, por intermédio da primeira reitora eleita no país, Nadir Gouveia Kfour, professores que retornavam do exílio, como Florestan Fernandes, Paulo Freire, Maurício Tragtemberg e Octávio Ianni, foram convidados a ministrar aulas na

PUC-SP. Ademais, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e os estudantes perseguidos em sua organização, a UNE, realizaram seus congressos no interior da universidade. À época, em 1977, a reitora Nadir Kfour enfrentou a invasão da polícia comandada pelo coronel Erasmo Dias, que feriu estudantes com fortes queimaduras provocadas por bombas de efeito moral e gás lacrimogêneo.

Ao longo do texto a professora ressalta o processo histórico da PUC-SP de perda de autonomia universitária por uma série de investidas contra os direitos de seus trabalhadores. O artigo, por fim, indica formas de luta contra a repressão imposta à comunidade universitária. "Em um momento em que milhões de manifestantes vão às ruas de todo o país para reivindicar direitos elementares: transporte, saúde, educação, habitação, reforma agrária, demarcação de terras, redução da jornada de trabalho sem redução de salário, fim da terceirização e exigir que os governantes ajam com transparência e democracia, é inadmissível que na PUC-SP se mantenham formas obscurantistas como processos políticos contra professores, estudantes e funcionários por manifestarem suas posições por meio de ações coletivas", concluiu a professora.

A íntegra do artigo pode ser encontrada em <http://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/5693/4153>

Continuam os apoios à professora Bia

Nesta semana recebemos mais uma série de apoios à professora Bia Abramides pedindo o fim do processo político movido contra a diretora da APROPUC:

Ana Paula Barbosa (Mestranda do PEPG em Serviço Social); **Ana Roza Cordeiro Barbosa** (Funcionária da APAE - Nova Friburgo/RJ); **Anderson de Souza** (Ex-aluno de Serviço Social da PUC-SP e Estudante de Filosofia da Unesp); **Anderson Fernandes Cabral** (Serviço Social Unifai); **Andrea Lima** (UFRN); **Andrea Pacheco** (Assistente Social); **Andreia Canhetti** (PEPG em Serviço Social - PUC-SP); **Andreia Miranda** (Assistente Social); **Andresa Lopes dos Santos** (Serviço Social - FAPSS São Caetano); **Andressa da Silva Vilela** (Jornalismo PUC-SP); **Andrew Hand** (Educador Escola Granja Viana); **Christina Kenia** (UFPB); **Cíntia Almeida Fidelis** (Assistente Social); **Clarice Costa Carvalho** (Serviço Social UFF); **Clarice Tomas de Souza** (Academia da Força Aérea); **Dan Silva** (Serviço Social PUC-SP); **Daniel de Aquino Martins** (Assistente Social UFF); **Daniel Fonseca** (Pós-graduando em Teoria Literária

e Literatura Comparada - USP); **Daniel Marcis Demeter** (Relações Internacionais PUC-SP); **Daniel Van Ham** (Ex-aluno da PUC-SP); **Edson Nogueira** (TJSP); **Edson Rabotchil** (CEF); **Edson Teixeira da Silva** (Serviço Social UFF); **Eduardo Luis Couto** (Assistente Social e Professor da Faculdade Presidente Prudente); **Fátima Teles** (Assistente Social do Estado do Ceará); **Fátima Ximenes** (Diretora de Escola Municipal em SP); **Fatinha Teles** (Prefeitura de Brejo Santo); **Fausto Arruda** (Sociólogo e Presidente do Conselho Editorial do jornal A Nova Democracia); **Felipe Brito** (Serviço Social UFF); **Felipe Campos** (Ex-aluno de Ciências Sociais da PUC-SP e militante da Ler-QI); **Felipe de Oliveira Queiroz** (Servidor Público Federal IFSP); **Felipe Molitor** (Jornalismo PUC-SP); **Felipe Vono** (Centro Acadêmico de Filosofia da USP); **João Martins** (Infraero); **João Mauro Amaral dos Santos** (Historiador UERJ); **João Pedro Militão** (Unifesp); **João Silva** (FFLCH-USP); **Valéria Reis Siqueira** (UFRB); **Vera Araújo** (Assistente Social); **Vera Lucia Chaves** (Professora UFPA).

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 – CEP: 05009-000 – Fone: 3872-2685.

Afapuc: João Ramalho 182, 7º andar – Fone: 3670-3391.

PUCViva: 3670-3391 – **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br – **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Roberto Oliveira, Marina D'Aquino e Anna Gabriela Coelho

Fotografia: Marina D'Aquino

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas e Victória C. Weischtordt

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Por que nossa internet não funciona?

Nos últimos meses um fato tem sido recorrente em nossa universidade: o acesso à internet nos computadores da PUC-SP não está funcionando a contento, seja mostrando uma extrema lentidão, seja deixando de funcionar completamente.

A falta deste serviço inviabiliza uma série de atividades, tanto acadêmicas quanto administrativas. Vários professores que se utilizaram do sistema em suas disciplinas durante o primeiro semestre deixaram de ministrar algumas de suas aulas em virtude da falta de acesso. Por isso, o **PUCviva** procurou ouvir o professor Victor Emmanuel Vicente, responsável pela DTI, Divisão de Tecnologia da Informação, que hoje responde pela operação dos computadores da PUC-SP.

De uma forma geral todas

as conexões dos diversos campi com a Internet passam pelo campus Marquês de Paranaguá, utilizando-se dos serviços da ANSP (an Academic Network at São Paulo). Essa conexão é feita pela TIM e para o professor, aonde reside o principal responsável pela lentidão do sistema. Até pouco tempo a conexão da PUC-SP era feita através da Eletropaulo, porém, com a substituição desse serviço pela TIM notou-se uma degradação elevada nos serviços de internet. Segundo o professor Victor, o atual link contém cerca de 1 gigabit, o que seria suficiente para a operação dos 3 mil microcomputadores da universidade, não fossem as prioridades que, diferentemente da Eletropaulo, a TIM assume.

Nesse sentido a DTI está procurando viabilizar um

melhor acesso instalando links redundantes, o que significa que, assim que a conexão com a TIM caia novos mecanismos possam ser acessados. Essa solução deverá ser finalizada até o próximo mês, quando o professor assegura que as quedas de sinal deverão ser raras.

ÁUDIOVISUAL

Outro problema que os professores que trabalham com equipamentos enfrentam é a precariedade do setor áudio visual, também afeito à Divisão de Tecnologia da Informação da PUC-SP. O número de funcionários, tanto do áudio visual como da DTI, de uma forma geral, vem caindo acentuadamente, seja por transferências internas ou externas e as chamadas "demissões pontuais", obrigando

os funcionários do setor a se desdobrarem para atender aos professores. Além disso, nem todas as classes da PUC-SP possuem equipamentos instalados, o que dificulta sobremaneira a vida dos docentes que têm de carregar vários aparelhos pelos corredores da universidade.

Para o professor Victor, além da contratação de novos funcionários, a solução passaria pela instalação de mais equipamentos em sala de aula, o que reduziria o trabalho dos funcionários. Nesse quesito, entretanto, aparece o problema da dotação financeira da universidade que permite somente que a solução possa vir em prazos maiores. Desse modo a melhoria deverá ser lenta, até que todas as salas em condições de receber equipamentos possam ser contempladas.

Semana de Ciências Sociais debate "encruzilhadas da democracia"

Ao longo da semana passada, entre os dias 2 e 6/9, aconteceu a XIII Semana de Ciências Sociais. Nessa edição, o tema foi "as encruzilhadas da democracia", em um momento político global onde as reivindicações por maior participação e democracia ocupam as ruas das grandes cidades em todo o mundo.

Durante a semana, atividades distintas aconteceram na PUC-SP. Houve palestras, aulas-teatro, grupos de trabalho, mesas redondas, minicursos, mostras culturais e lançamento de revista e livro, nos mais variados espaços da universidade, como nas salas de aula, auditório, Museu da Cultura e até no Tucarena.

No primeiro dia, segunda-feira, aconteceu pela manhã a abertura do evento, com a democracia no centro da discussão. Estiveram presentes no auditório 117 os professores da PUC-SP Miguel Chaia, Carla Garcia e Eliane Gouveia. À noite, no saguão do Tucarena, o livro "Favos" e a revista "Polichinello" foram lançados.

No dia seguinte, aconteceram mesas redondas temáticas sobre racismo e a questão indígena, temas latentes na sociedade brasileira até hoje. Além de sessões coordenadas de iniciação científica e TCCs.

Na quarta-feira, começaram a funcionar os grupos de trabalho temáticos. Na sala 324, sob a coordenação da

professora Marijane Lisboa, houve o debate sobre questões ambientais, com discussões sobre resíduos sólidos, a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte e a transposição do rio São Francisco. Um dos pesquisadores presentes, Rubens Ricco, falou sobre a política nacional de resíduos sólidos, com enfoque na cidade de Ribeirão Preto, onde ele é professor de geografia.

Segundo Ricco, a lei aprovada em 2010, e que tem até 2014 para sua implementação nacional, avança no reconhecimento de importantes princípios ambientais na produção de resíduos sólidos, como o debate sobre a redução da produção de lixo ao longo

de toda sua cadeia produtiva, desde a geração, passando pela utilização, reutilização, pela reciclagem e, por fim, pelo "rejeito", subproduto de todo esse processo. Com a diminuição de produção de lixo ao longo da cadeia, diminui-se automaticamente a quantidade de rejeito distribuído no meio ambiente, seja em forma sólida, líquida ou gasosa, gerando assim menos poluição.

Nos últimos dias da Semana de Ciências Sociais, demais grupos de trabalho, mesas redondas, e minicursos deram continuidade à programação na PUC-SP, que teve também uma mostra de revistas sobre Ciências Sociais da universidade.

G AUICHE NA VIDA

Feminismo em Marcha para mudar o mundo

De 25 a 31/8, 1.600 mulheres de 48 países estiveram reunidas em São Paulo para debater a trajetória e as estratégias do feminismo, frente à ofensiva conservadora, durante o 9º Encontro Internacional da Marcha Mundial das Mulheres, sob o tema "Feminismo em Marcha para Mudar o Mundo". Após uma semana de intensas atividades e discussões políticas, a Marcha Mundial das Mulheres produziu um documento final que pretende sintetizar o conteúdo dos debates e de seus principais eixos de atuação. Leia abaixo.

Nós, mulheres brasileiras presentes no 9º Encontro Internacional da Marcha Mundial das Mulheres (MMM), realizado em São Paulo, entre os dias 25 e 31 de agosto de 2013, reafirmamos a resistência, o enfrentamento e a construção de alternativas ao modelo patriarcal, capitalista, racista, lesbofóbico e colonial.

A MMM constrói desde o cotidiano, e a partir da realidade das mulheres, uma ação local conectada à articulação mundial em que a solidariedade é um eixo estruturante. Essa experiência se consolidou como uma força mundial, atualizando o feminismo como um projeto para garantir a igualdade entre todas as mulheres, nos marcos da construção de uma sociedade de mulheres e homens livres e iguais, sem discriminação de raça/etnia e com o livre exercício da sua sexualidade. Reconhecemos que é fundamental enegrecer o feminismo e aprofundar a reflexão entre

patriarcado, colonialismo e opressão étnico racial, para resgatar nossas ancestralidades e fortalecer a presença das mulheres indígenas entre nós.

O capitalismo passa por um importante processo de reestruturação para manter a ordem atual de exploração e opressão, reforçado com a atual crise mundial, evidenciando que vivemos em um modelo injusto e insustentável. Frente a todas as crises, esse sistema apresenta falsas soluções, que significam mais mercado e mais concentração de renda, impostas por meio de um processo violento dos Estados.

A expropriação da natureza, os ataques aos direitos e soberania dos povos, o controle sobre o corpo e a vida das mulheres, o aumento da militarização, a criminalização e a violência são mecanismos que sustentam a acumulação por espoliação.

A uma economia de mercado corresponde uma sociedade de mercado, com destaque para a expansão da mercantilização em todas as dimensões da vida humana. Isso se dá especialmente com a exploração do corpo das mulheres, desde a indústria da beleza, até o tráfico e a prostituição. Nosso corpo é constantemente controlado e regulado, a partir de padrões morais de sexualidade - heteronormativa, fállica, lesbofóbica e focada no prazer masculino - e na maternidade.

Reafirmamos que a prostituição é estruturante do sistema capitalista e patriarcal. Nossa visão não é nem liberal, nem moralista, mas reconhece o direito das mulheres viverem sua sexualidade livremente. Repudiamos a cooptação do

discurso feminista "meu corpo me pertence" para "meu corpo é meu negócio". Por isso, somos contra o projeto do Dep. Jean Wylis, que, ao invés de contribuir para a melhoria de condições de vida das prostitutas, legaliza que a sexualidade como um serviço mercantil, reforça a cafetinagem e aprofunda a exploração das mulheres. Denunciamos a imposição da maternidade como destino obrigatório das mulheres e reafirmamos a autonomia de decisão sobre os nossos corpos e o direito ao aborto legal, seguro e público. Reafirmamos nossa visão de que a sexualidade é construída socialmente, e defendemos a lesbiandade como fundamental para o livre exercício da sexualidade sem coerção, sem estereótipos e sem relações de poder.

A violência patriarcal está presente no cotidiano da vida de todas as mulheres. Ela é, muitas vezes, naturalizada e legitimada, e se fortalece também com as desigualdades de classe e raça, revelando o não reconhecimento das mulheres como sujeitos autônomos. Os dados deveriam assustar, principalmente diante do fato de que ainda há muito para ser denunciado, como os estupros coletivos e corretivos, o abuso sexual contra crianças e a impunidade em relação ao grande número de assassinatos de mulheres.

Exigimos a condenação dos estupradores integrantes da Banda New Hit, que barbaramente violentaram duas fãs adolescentes na Bahia, e dos estupradores assassinos de Queimadas, na Paraíba. Exigimos a aplicação plena da Lei Maria da Penha. Em todos os casos, denunciemos

a culpabilização das mulheres pela violência sofrida.

Nesse contexto, se intensificam a mercantilização dos bens comuns e o avanço e controle dos territórios para o agronegócio. O avanço sobre os territórios indígenas e quilombolas provoca morte e destruição. O povo Guarani-Kaiowá no Mato Grosso do Sul tem sido vítima de homicídios em número maior do que os países em guerra. Nas áreas urbanas há um aumento da especulação imobiliária, incentivada por grandes obras encomendadas pelos megaeventos. As mineradoras ampliam as áreas de exploração, gerando degradação da natureza e retirando as formas de sustento das mulheres. Isso está diretamente relacionado com o reforço da militarização e da exploração do corpo e trabalho das mulheres.

Exigimos que os recursos públicos, em particular do BNDES, não sejam destinados às grandes empresas para financiamento do agronegócio, dos megaeventos e do capitalismo verde. Denunciamos a imposição dos agrotóxicos e das sementes transgênicas, gerando dependência das agricultoras e agricultores. Somos protagonistas da resistência e da defesa de nossos territórios, a exemplo das mulheres de Apodi, em luta contra o agro e hidronegócio, e da afirmação da agroecologia como meio de produção de alimentos saudáveis, fundamentais para a garantia da soberania alimentar.

Nesse modelo, o tempo e o trabalho das mulheres são

continua na próxima página

continuação da página anterior

utilizados como um fator de ajuste. A economia de mercado se sustenta a partir do nosso trabalho não remunerado e da desigualdade que vivenciamos no trabalho remunerado. Presenciamos um aumento do conservadorismo, com a valorização do papel das mulheres na família para justificar a sua sobrecarga de trabalho.

Construir a economia feminista e solidária significa alterar os padrões de (re) produção, distribuição e consumo, além de reconhecer e valorizar o trabalho doméstico e de cuidados como fundamentais à sustentabilidade da vida humana.

O Estado capitalista é patriarcal, organizado a partir de uma lógica androcêntrica que reforça a divisão sexual do trabalho e as formas de controle sobre o corpo e a sexualidade das mulheres. O modelo de desenvolvimento hegemônico funciona a serviço das grandes empresas, expropriando os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras, violentando as mulheres e tendo na militarização um de seus pilares de sustentação.

Lutamos para alterar essa lógica, o que só será possível se houver vontade política e incorporação de uma perspectiva feminista, que hoje é traduzida pela agenda de despatriarcalização do Estado. É preciso garantir políticas emancipatórias construídas com base na soberania e na participação popular.

Somos solidárias às companheiras de várias partes do mundo que têm seus meios de vida afetados pelas empresas extrativistas, pela Vale e pela expansão do agronegócio como o projeto Pró-Savana, em Moçambique. Questionamos a presença militar do Brasil em missões militares no Haiti e na República Democrática do Congo, bem como a compra de armas e tecnologia militar de Israel. A Organização Mundial do Comércio

retoma negociações que reforcem a assimetria entre os países e a mercantilização da vida. O Brasil, ao contrário deve promover outra integração, baseada na redistribuição, na solidariedade e na reciprocidade, o que nós mulheres do mundo já estamos construindo através de nossos movimentos.

Nossas formas de ocupação dos espaços públicos e políticos expressam a irreverência e a ousadia coletiva das mulheres. A partir dos nossos métodos, ritmos e vozes, construímos a cultura feminista contra-hegemônica, que incorpora a juventude em um processo integrador de várias gerações como parte de

um projeto comum de transformação de nossas vidas.

Resistimos ao monopólio dos meios de comunicação, à lógica da propriedade intelectual e ao controle dos fluxos de informação que violam nossa privacidade e privilegiam corporações transnacionais, construindo as nossas alternativas de produção de conteúdos, linguagens e meios de comunicação vinculados às lutas emancipatórias e por soberania popular.

Afirmamos que a auto-organização das mulheres é nossa estratégia de fortalecimento como sujeito político que constrói uma força mundial, em aliança com os movimentos

sociais que compartilham da luta anticapitalista, e por uma sociedade baseada nos valores de liberdade, igualdade, justiça, paz e solidariedade.

Marcha Mundial das Mulheres

Nesta sessão, apresentamos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana. Se você tiver contribuições (no máximo 5.000 caracteres com espaços), mande ver.

FALA COMUNIDADE

Os médicos cubanos e nós...

Marcia Accorsi Pereira

Uma parcela da sociedade brasileira está consternada com as notícias sobre a vinda de médicos estrangeiros, especificamente os cubanos. Posições se conflitam no processo dito democrático. Desnecessário afirmar aquilo que é conhecido por aqueles que fazem da informação uma defesa, ou seja, a superioridade da educação médica cubana, onde a prevenção da saúde com as consequências positivas se podem verificar na expectativa de vida dos nascidos em Cuba.

Ideologias à parte, tal complexo de saúde não combina com a nossa privatização à despeito do Sistema Único de Saúde (SUS), que apesar de todas as mazelas deve ser defendido e apoiado, por se tratar de uma proposta universalizante e gratuita. Uma conquista do povo brasileiro integrante da nossa Constituição de 1988. Não se pode duvidar que os médicos estrangeiros auxiliarão para que o SUS seja aperfeiçoado e passe a cumprir seus objetivos básicos. Aliás, uma tarefa de todos nós. Afinal, em uma sociedade

de classes como a brasileira, a grande maioria da população se encontra desprovida da alternativa de dispensar vultuosas quantias mensais em planos de saúde, verdadeiras mercadorias à disposição de uma minoria. Ou, ainda aqueles que podem arcar com fortunas pelo tratamento privado da saúde.

Deve ser muito difícil para os médicos cubanos entenderem essa complexa situação, vista a experiência de seu país. Só temos que lhes solicitar paciência conosco. O Brasil, na foto emblemática das jovens médicas vaiando um médico negro cubano nos envergonha e entristece. Mas, a partir desse ato de alguns brasileiros mostrando a sua cara, como diria Cazusa, reflexões vem à tona. E, uma delas se refere às nossas universidades e seus cursos elitistas. Pondero que há propostas de romper com essas lógicas, mas nada a ser resolvido com a urgência necessária.

Lembrei-me da intervenção de uma aluna no curso de Serviço Social, quando afirmou com grande acuidade "eu gosto do Serviço Social, mas se quisesse fazer outro curso, tipo engenharia, medicina, não conseguiria,

pela minha condição de classe. Porque também a universidade tem a sua elitização". Afinal, sem desejar generalizar, estamos formando profissionais para o mercado. E dinheiro público, proveniente dos nossos bolsos, que vão para esses cursos, sem o devido retorno, pois a maioria não deseja ou sequer são orientados para o exercício da defesa da cidadania, no caso em tela, o atendimento universal e gratuito através do SUS.

No caso das privadas, o qual se inclui a PUC-SP, não está na hora de ressuscitar o seu caráter comunitário, para que democraticamente aqueles pertencentes às classes mais espoliadas possam frequentar cursos que realmente tem vocação e sensibilidade? Porque a população precisa ser atendida em suas amplas necessidades e uma delas é ter as portas abertas para fazerem as suas escolhas profissionais. Pois, 513 anos de "caras da riqueza" só aprofundaram o desrespeito aos direitos humanos, o qual a manutenção da saúde figura como vital.

Marcia Accorsi Pereira é professora de Serviço Social da PUC-SP.

FALA COMUNIDADE

67 anos da PUC-SP

Pastoral Universitária

O Aniversário de 67 anos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, comemorado no dia 22/8, foi marcado por uma série de eventos que teve a presença do seu Grão Chanceler, Dom Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo.

No período da manhã, o Cardeal participou de um encontro com professores da Faculdade de Direito. Nessa ocasião, disse ele aos presentes: "Tenho especial apreço pela Faculdade de Direito que tem, entre seus professores, alunos e ex-alunos, pessoas que muito contribuem para a justiça no nosso país".

Ao meio dia, o Cardeal celebrou a missa em ação de graças pelos 67 anos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Nessa cerimônia, que aconteceu na capela da PUC-SP, durante a homilia fez questão de lembrar que "a data de criação da Universidade, 22/8, é o dia de Nossa Senhora Rainha. Não foi por acaso que o Cardeal Mota [um dos fundadores da PUC-SP] escolheu essa data. Nossa Senhora Rainha é aquela que tem a percepção da realidade a partir do olhar materno, de uma sabedoria intuitiva, que compreende as dores do povo e intercede junto a Jesus para que seus filhos vivam dignamente e sejam felizes", ponderou. "Assim, também a sabedoria é o grande objetivo da univer-

sidade. Sabedoria que não é um vão saber, que apenas envaidece e não se traduz em condução da vida em sociedade e comunidade. A grande meta da universidade deve ser a busca dessa sabedoria para viver bem, conviver bem e orientar sabiamente a vida". A missa foi concelebrada por Dom Julio Akamine, bispo-auxiliar e responsável pela Pastoral Universitária da Arquidiocese de São Paulo, e pelos padres Vando Valentini (coordenador da Pastoral Universitária da PUC-SP), Valeriano Costa (diretor da Faculdade de Teologia), José Rodolpho Perazzolo (secretário-executivo da Fundação São Paulo), Cássio Albérico de Carvalho (Pastoral Universitária da PUC-SP) e José Ulisses Leva (professor da Faculdade de Teologia).

A visita do Cardeal à PUC-SP terminou com um evento no TUCA, que tratou da temática: "A Identidade da Universidade Católica em Diálogo". O próprio cardeal já havia demonstrado seu desejo de aprofundar o diálogo com a comunidade da PUC, explicitando o sentido e a especificidade da identidade católica da universidade. De fato, o encontro há de ser lembrado como um marco histórico neste diálogo. Dom Odilo, durante mais de uma hora, respondeu às perguntas dos estudantes, tendo muitas vezes que enfrentar provocações de grupos sectários e pouco habituados ao diálogo, num encontro tenso, mas que certamente dará

muitos frutos.

Como a maioria das indagações dizia respeito à questão da consulta à comunidade para a composição da lista tríplice, que culminou com a escolha da professora Anna Cintra para reitora, o Cardeal reafirmou que em nenhum momento tomou qualquer tipo de decisão contrária ao que reza o

Estatuto da PUC-SP, tendo se decidido por um nome democraticamente escolhido para compor a lista a ele submetida.

O evento marcou mais um momento de presença explícita da Igreja, na pessoa de nosso Cardeal, dos estudantes e professores - católicos ou não - que estiveram presentes ao TUCA.

Nota de esclarecimento

Na edição 878 de 26/8/13, em matéria de capa intitulada "estudantes questionam D. Odilo no aniversário da PUC-SP", o PUCviva escreve: "Com a chegada de D. Odilo, os presentes formaram uma barreira entre a porta de vidro e o Cardeal e os seus seguranças, além de membros da Pastoral Universitária e do clero. Estes, no entanto, empurraram os estudantes contra a parede, usando inclusive de violência e ameaças verbais.

Ao final do ato uma estudante relatou ter ouvido que "seria presa por aquela ação". Os fatos, como relatados acima, não correspondem em nenhum momento à verdade. A barreira formada entre a parte de vidro e o Cardeal, com certeza, não era de membros da Pastoral. Não havia seguranças para o Cardeal, muito menos ainda, membros da Pastoral Universitária empurrando estudantes. Em relação a ameaça de ser presa, como

disse a aluna, caso tenha ouvido algo dessa natureza, temos certeza absoluta de que não partiu de nenhum dos membros da equipe de Pastoral. A final de contas, como podem muito bem confirmar os alunos da linha de frente da manifestação - o que dispensa mencionar os seus nomes, pois eles sabem quem são - estiveram o tempo todo da manifestação e do evento dialogando com pessoas da Pastoral sobre como nos organizaríamos para que tudo transcorresse de maneira pacífica, ordeira e proveitosa para ambas as partes. Portanto, diante disso, resta nos dizer: lamentamos a distorção grosseira, tendenciosa e sem compromisso com a verdade.

A nossa postura, não importa a situação, é de respeito, tolerância, pacífica e de diálogo. E acima de tudo, pautada pelo princípio da verdade. Pois, como disse Jesus, "só a verdade vos libertará".

MOVIMENTOS SOCIAIS

Movimentos sociais cobram punição por propinoduto tucano

Cerca de 2.000 jovens do Levante Popular da Juventude (LPJ) e trabalhadores rurais do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) fizeram uma manifestação em frente às sedes das empresas Siemens e Alstom, na Marginal Tietê, na região da Lapa, em São Paulo, na manhã de quarta-feira, 4/9, para exigir punições às empresas Siemens e Alstom e aos principais agentes no esquema conhecido como propinoduto tucano.

Essas empresas montaram uma rede de corrupção para fraudar licitações das obras, reformas e fornecimento de equipamentos para o sistema de metrô e trens em São Paulo. No esquema, elas combinavam os resultados das disputas e, com a intermediação de políticos do PSDB, elevavam os preços dos serviços, aumentando os gastos do Estado para lavar o dinheiro que era repassado aos tucanos.

"Precisamos fazer um acerto de contas com as empresas corruptoras, que sempre ficam invisíveis nos escândalos de corrupção. A

Siemens e a Alstom precisam ser investigadas e punidas, além dos políticos do PSDB. Não podemos admitir que a população sofra todos os dias com a falta de qualidade e abrangência do sistema de transporte público, enquanto empresas estrangeiras desviam recursos", disse um militante do LPJ.

O MAB denunciou que a Siemens e a Alstom, que também atuam na área da energia, são responsáveis pelas obras

de construção de barragens e são acusadas de formar um cartel para superfaturar os preços dos serviços. Em 2006, as duas empresas foram incluídas em processo aberto pela Secretaria de Direito Econômico (SDE) do Ministério da Justiça, por conta de cartel internacional no mercado de aparelhos eletroeletrônicos de direcionamento de fluxo de energia elétrica com isolamento a gás e a ar entre 1998 e 2006.

Entidades protestam contra peregrinação

Movimentos sociais, partidos políticos, professores universitários e militantes sociais produziram um manifesto de apoio e solidariedade ao Centro de Difusão do Comunismo (CDC) da Universidade Federal de Ouro Preto, cujas atividades sofrem perseguição da Justiça Federal.

Segundo o manifesto divulgado (que também pode ser lido no site da APRO-PUC), o CDC recebeu uma ação judicial estabelecendo

o fim das atividades do centro, que organiza suas ações em dois projetos e dois cursos de extensa, empregando mais de 20 bolsista.

Completa ainda o documento: "Essa ação é claramente uma manifestação política anti-comunista e fere os princípios da autonomia universitária. O art. 207 da CF estabelece que as universidades gozem de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial".

Professor é agredido por prefeito no MS

No dia 31/8, em Paranaíba, Mato Grosso do Sul, o professor doutor Nilson Berenchtein Netto foi agredido pelo prefeito da cidade enquanto jantava em um restaurante. Após uma discussão com o prefeito, Diogo Robalinho de Queiroz, o professor foi agredido com um tapa em seu rosto. Ao ser repreendido por outro professor presente, o prefeito também o agrediu. A APRO-PUC repudia qualquer forma de agressão aos professores da UFMS e as atitudes autoritárias do prefeito.

Movimentos fazem ato de apoio à vinda de médicos cubanos

Na terça-feira, 3/9, movimentos de periferias, saraus, hip-hop e demais movimentos sociais, como o Movimento Paulista de Solidariedade a Cuba, realizaram um ato em favor da vinda dos 4.000 médicos cubanos ao Brasil e contra a xenofobia.

A manifestação se concentrou na Praça Roosevelt, às 17h, e depois saiu em marcha pelas ruas do centro da cidade, defendendo a vinda de médicos de Cuba, mas também maior financiamento da saúde e melhores condições de trabalho para os profissionais da área - principalmente nas regiões mais periféricas de São Paulo e do Brasil, onde a quantidade de médicos é escassa e as condições precárias.

Federação dos petroleiros realiza ato nacional contra leilão do pré-sal

A Federação Única dos Petroleiros (FUP) realizou na quinta-feira, 5/9, na Praça Oswaldo Cruz, próximo ao Shopping Paulista, o "Ato Nacional em Defesa da Soberania e Contra os Leilões de Petróleo". A manifestação reuniu trabalhadores e militantes sociais contra o leilão do campo de

Libra, maior reservatório do pré-sal, capaz de jorrar 12 bilhões de barris de petróleo, previsto para outubro pelo governo federal.

O ato foi organizado pelos petroleiros de forma unificada, envolvendo também os militantes do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), do Movimento dos

Trabalhadores Sem Terra (MST) e de outros movimentos sociais contrários à entrega do petróleo brasileiro às multinacionais. Também estiveram presentes representações dos movimentos e demais lideranças de outras regiões do país, que enviaram caravanas para o ato unificado.

ROLA NA RAMPA



Edimilson Bizelli

Faleceu, no domingo 1/9, aos 76 anos, o professor do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais Edimilson Bizelli. Na PUC-SP desde 1978, Edmilson doutorou-se em 1993, completando seu pós-doutorado em 2004 na École des Hautes Études en Sciences Sociales, França. Bizelli também era pesquisador do Núcleo

de Estudos e Pesquisas Urbanas (NEPUR/PUC-SP). Afastado desde o ano passado por motivo de saúde, Edimilson teve grande participação nas lutas que se desenrolaram na PUC-SP nos últimos anos. Deixou uma grande lacuna entre os seus alunos da Faculdade de Ciências Sociais, que descreveram o professor com grande carinho.

Professor indígena é atacado na Bahia

O professor indígena Edson Kayapó foi atacado no dia 5/9 enquanto se dirigia para a escola indígena onde leciona, no sul da Bahia.

O carro oficial do Instituto Federal da Bahia, onde se encontrava Kayapó e outros professores do instituto, além do motorista, foi incendiado após ser interceptado por quatro homens. O índio foi orientado a pegar um táxi até Itabuna, porém este também

foi interceptado, onde o índio foi espancado e ameaçado de morte por desconhecidos. O carro do IFBA foi encontrado incendiado na BR próximo à cidade de São José da Vitória, interior do estado.

Kayapó, que é doutor formado em julho de 2012 pela PUC-SP no programa de História da Educação, relatou que as autoridades não estão fazendo esforços para solucionar o caso.

Museu da Cultura apresenta mostra de revistas

Juntamente com a 13ª Semana de Ciências Sociais, o Museu da Cultura apresenta ao longo da semana uma mostra de revistas da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP.

Nesta semana o espaço para visitação ficará aberto entre os dias 9 e 13/9, das 14 às 19h. O Museu da Cultura fica no subsolo do Prédio Velho, campus Monte Alegre.

Centro de Ex-alunos organiza novo encontro

No dia 17/9, às 19h30, acontece a última reunião de planejamento do 24º Encontro de Ex-Alunos. Logo após haverá uma apresentação da ex-aluna da PUC-SP e jornalista do Centro de Ex-Alunos, Paola Block Patassini, sobre as deusas Deméter e Perséfone, suas representações de alegria e tristeza e a importância do Riso e da Risoterapia em nosso

cotidiano. O evento também contará com a participação da ex-aluna, Plácida Schurig Fernandes (Psicologia 68), autora do livro *Gestação: um brinde à vida*. O evento será no Auditório Paulo VI, da Biblioteca Central do Campus Monte Alegre. Garanta sua participação, confirmando sua presença e a de seus colegas pelo e-mail: exalunos@pucsp.br.

Departamento de Inglês promove Jornada sobre tradução

O Grupo de Estudos da Tradução e da Interpretação (ESTI - Departamento de Inglês), promove no dia 14/9, das 8h30 às 16h45, no auditório 239 (2º andar, prédio novo), a 10ª Jornada de Reflexões sobre Tradução, Linguagem e Cultura. A proposta é trazer à discussão os mais variados aspectos e perspectivas da tradução oral e escrita, oferecendo um espaço de reflexão e debate para alunos, ex-alunos,

professores, tradutores, intérpretes e demais interessados no estudo da linguagem. O evento é promovido pelo Departamento de Inglês, e em comemoração à décima edição da Jornada haverá participação de Franz Pöchhacker (Universidade de Viena) e Edwin Gentzler (Universidade de Massachusetts, Amherst). Na parte da tarde se apresenta o Coral Cantando no Quintal, regido por Ricardo Barison.

Comissão da Verdade organiza reunião com estudantes

Na noite de quinta-feira, 5/9, a Comissão Estudantil da Comissão da Verdade da PUC-SP promoveu uma reunião de apresentação do comitê. A reunião, além de esclarecer como atuaria o grupo, discutiu um planejamento, além de apresentar o edital de Iniciação Científica e bolsas disponíveis. Além disso, foi discutida a importância dos estudantes na luta pela memória, verdade e justiça aos desaparecidos

na Ditadura Militar no Brasil, pautando que os estudantes elejam um representante para compor a Comissão da Verdade. A reunião contou também com a presença das professoras Leslie Beloque (departamento de Economia) e Rosalina Santa Cruz (departamento de Serviço Social). A primeira audiência pública da Comissão da Verdade da PUC-SP ocorrerá no dia 11/9, 20h, no TUCA.